

Com a perna dilacerada, o jovem alemão estava caído na neve do «corredor da morte», aonde os guardas ocidentais não podiam chegar. E, sem socorro, ele não aguentaria muito

Incidente na Fronteira

LAWRENCE ELLIOTT

NA NOITE de 31 de dezembro de 1969, na cidade fronteiriça de Meiningen, Alemanha Oriental, Bernd Geis, um rapaz de 17 anos, estava sentado num café, tentando bravamente esconder sua solidão atrás de um copo de cerveja. À sua volta, estranhos cantavam e brindavam ao Ano Novo, mas Bernd não tinha com quem nem o que celebrar. A única pessoa com quem ele desejaria estar, nessa véspera de Ano Bom, era sua irmã mais velha, Irene, que vivia na Alemanha Ocidental, do lado de lá da fronteira proibida. Sua mãe e seu pai haviam morrido nos últimos 18 meses. Ele viera para Meiningen a fim de morar com o irmão casado, mas não havia lugar no apartamentozinho. Diariamente, o garoto forte e triste

trabalhava como aprendiz de carpinteiro, e voltava todas as noites para o vazio do seu quarto de pensão.

Eram mais ou menos oito e meia, e, levado pela melancolia especial que vem de estar-se sozinho em meio a uma grande animação, Bernd pagou a despesa e saiu. Na noite fria e branca, ao invés de dirigir-se para a solidão do seu quartinho, ele saiu pela estrada coberta de neve que levava à linha de demarcação entre as duas Alemanhas. Sem planejar, sem ligar para o fato de que o preço do fracasso era prisão, morte talvez, Bernd decidira num impulso fugir para o ocidente. Ele não era movido por quaisquer problemas políticos com o Regime, porque crescera sob o comunismo. Ele desejava

apenas uma coisa: voltar a ver sua irmã.

Desde que foi erguido o Muro de Berlim, em agosto de 1961, toda a espécie de gente, alguns ainda mais jovens que Bernd, tentou o perigoso salto para a liberdade. É tal a necessidade humana de ser livre que 250.000* alemães orientais arriscaram tudo para cruzar a horrenda barreira artificial. Cavaram túneis por baixo, atiraram-se de caminhão de encontro ao muro, enfrentaram os guardas com papéis falsos. Mas, para cada um que o conseguiu, nove foram mandados de volta. E no primeiro dia do ano novo, equipado apenas com a sua resolução, Bernd Geis seria o primeiro de uns 10.000 que tentariam alcançar o ocidente antes do fim de 1970. Desses, apenas 901 o conseguiriam.

Bernd passou a noite e o amanhecer do dia 1.º de janeiro escondido num estábulo. Quando tornou a escurecer, saiu pelos campos, através da neve alta, em direção do que imaginava que fosse a fronteira. Tinha ouvido falar vagamente das fortificações, de que havia minas e cercas altas, e assim mesmo estava indo, sem planos, sabendo apenas que iria saltar, arrastar-se, correr, fazer o que fosse preciso para atravessar.

Às oito da noite, um garoto apavorado chegou ao arame farpado. À luz de uma Lua fria, lá estava ele, a menos de 15 metros de distância.

* De agosto de 1961 a dezembro de 1970, cerca de 30.000 o conseguiram e pelo menos 200 morreram tentando.

Depois dele havia ainda duas cercas, altas, de tela de arame. Ficou ali, tremendo, ouvindo, pesando seu medo contra sua solidão. Subitamente disparou através da neve, deitou-se de costas e, em alguns minutos, conseguiu passar sob o arame farpado.

Pareceu-lhe incrivelmente fácil. Onde estavam os guardas? Seria só isso? Descansou sobre os joelhos, tirando a neve dos ombros, medindo com os olhos a próxima cerca. Teria talvez três metros de altura, mas ele tinha a certeza de que poderia escalá-la. De repente, tinha a certeza de tudo, de que o conseguiria, de que logo estaria com Irene. Lançou-se contra a cerca, passou por ela, já olhando para a próxima, e mergulhou de novo, com alegria e selvagem confiança.

Aqui acabou a sorte de Bernd. Ele estava dentro dos 20 metros conhecidos como «corredor da morte», uma tira de terra desnuda, coalhada de minas de contato. Enquanto avançava com neve pela cintura, uma terrível explosão lançou-o à frente. Quando olhou, sua bota direita estava pendurada da perna por algumas tiras de carne e seu sangue manchava a neve.

NESSE MOMENTO, a uns 200 metros de distância, numa estradinha que antigamente demandava Meiningen, mas que terminava agora num beco sobre a linha de demarcação, uma patrulha de guardas de fronteira alemães ocidentais ouvia, atenta, o eco da explosão que se

desfazia em silêncio. «Que foi isto?» perguntou o recruta Wolfgang Schmitt, nervoso.

«Uma das minas deles», respondeu o Sargento Rudolf Romeis. «Deve ter explodido com o peso da neve.»

Mas no momento mesmo em que falava, um inconfundível grito de socorro chegou até eles e ficou pairando um momento na noite gelada. Depois, de novo, fraco e angustiado. Romeis tirou do ombro a sua metralhadora e ordenou a Schmitt: «Você fica no carro.» A um terceiro homem, o soldado Alois Reis, ele chamou: «Vamos!»

Saíram por uma florestazinha que corria paralela com a linha de demarcação, assinalada do lado ocidental apenas por alguns marcos intermitentes. Os gritos continuavam, trazendo Romeis e Reis cada vez mais perto, até chegarem diante da forma escura caída no «corredor da morte», a uns 50 metros, logo do lado de lá da cerca.

«Alô!» gritou Romeis. «Quem é você? Qual é o problema?»

Bernd gritou de volta: «Socorro! Sofri uma explosão no pé. Estou sangrando muito. Eu sou de Meiningen, Bernd Geis. Estou tentando fugir. Por favor, ajudem-me!»

O Sargento Romeis praguejou em voz alta. Aos 22 anos, ele era veterano guarda federal da fronteira e sabia muito bem que aquelas almas patéticas do outro lado da cerca eram muitas vezes perseguidas, baleadas e arrastadas de volta para a Alemanha Oriental. Nesse momento, a vida de um desses seres humanos

dependia dele. Suas ordens, entretanto, eram inflexíveis: quem quer que alcançasse o lado ocidental, seria protegido e receberia toda a espécie de assistência; mas nenhum dos seus homens deveria jamais pisar além da linha que demarcava a fronteira da Alemanha Oriental. Os Vopos — os guardas orientais — não precisavam de mais que isso para abrir fogo. E, como em qualquer confrontação entre Leste e Oeste, isso poderia explodir em algo mais que um tiroteio acidental.

«Ouça», ele gritou, «tire o cinto e aperte-o na coxa, aperte bem. Assim estancará a hemorragia. Dá para fazer isso?»

«Já fiz», veio a resposta desesperada. «Vocês não podem me ajudar?»

«Vamos tentar.» Ele voltou-se para Reis: «Fique aqui. Continue falando com ele. Vou telefonar para o quartel-general.»

Romeis correu para o carro de patrulha, equipado com rádio, e, enquanto Schmitt e um guarda de fronteira bávaro, Paul Havlena, acercavam-se para ouvi-lo, passou logo a descrever a situação para o oficial de dia no posto de Oerlenbach, a 50 quilômetros.

«Alguma reação dos Vopos?» perguntou o oficial.

«Não, nenhuma. Devem estar celebrando o Ano Novo. Posso ir lá e buscar o garoto? Ele não vai aguentar muito com esse frio.»

«Eu não posso tomar essa decisão», veio a resposta. «Vou contatar o comandante divisional e logo o chamo de volta.»

Muito tempo se passaria antes que o fizesse. As implicações dessa confrontação eram perfeitamente avaliadas em todos os níveis de comando, e o comandante sabia que, se desse a autorização, seria responsabilizado. Às nove da noite, fez uma ligação para o comandante-chefe, em Munique.

Enquanto isso, Romeis lançava foguetes de sinalização, que davam ao céu um branco fantástico. Dissera a Bernd que os Vopos os veriam e, ou viriam buscá-lo, ou permitiriam que os ocidentais passassem a fronteira para cuidar do pé dele. Mas Romeis não tinha tanta esperança quanto fazia crer: jamais ouvira falar de os Vopos terem permitido a alguém do lado ocidental que ajudasse um fugitivo, por mais ferido que estivesse, e levaria horas até que os próprios Vopos pudessem abrir um caminho seguro através do campo minado. Mas não sabia mais que fazer, e continuou soltando os foguetes e falando para encorajar o rapaz. Do outro lado do «corredor da morte», da escuridão, não havia reação.

Haviam-se passado cerca de 25 minutos desde que Bernd pisara na mina. Ele estava caído tão perto da cerca que, se tivesse forças para arrastar-se o comprimento de um braço, poderia tocá-la. Esta era agora a fronteira do seu mundo, que o fechava com sua perna dilacerada, as dores terríveis e o frio. Sabia que morreria se não recebesse socorro. A dor era tanta que ele começou a pensar que seria melhor fechar

os olhos e deixar que o frio fizesse o resto.

«Por favor, ajudem-me», ele pediu pela última vez, e deixou a cabeça cair sobre o braço.

Mais tarde, o Sargento Romeis diria: «Acho que foi isto que decidi tudo... ele parecia ter desistido. Nada do que lhe disséssemos sobre as nossas ordens significava coisa alguma. O que ele sabia era que estava morrendo, e nós estávamos ali, a 45 metros.»

Até agora, nenhuma palavra do quartel-general. «Que se danem!» Romeis disse de repente para Reis: «Eu vou lá. Você vem comigo?»

Sem hesitar, Reis respondeu: «Vamos.»

Romeis correu para o carro e apanhou um machado. «Nós vamos buscá-lo», ele disse a Schmitt. «Você nos cobre. Se eles começarem a atirar, use a metralhadora.»

Schmitt respirou fundo: «Será que eles vão atirar?»

«Se nos virem, pode ter a certeza.»

Romeis sabia que, mesmo se conseguissem tirar Bernd de lá, poderiam ser punidos por desobediência às ordens. Mas não hesitou. Mandando Havlena, o guarda civil, ficar onde estava, Romeis passou a linha de demarcação e arrastou-se através da terra-de-ninguém, na direção da cerca, com Reis atento à linha de demarcação.

«Bernd», Romeis sussurrou, «estamos aqui. Vamos tirar você daí.»

Quase congelado, no limite da sua resistência, Bernd conseguiu articular um exausto «Obrigado».

Primeiro, Romeis tentou abrir um buraco na tela de arame. Quando não deu certo, com golpes cada vez mais desesperados, atacou a cerca até quebrar o cabo do machado. Por um angustioso momento, ficou ali deitado na neve, ofegante, sem saber o que fazer. Subitamente, ergueu-se de um salto e correu até onde estava Reis: «O macaco! Vamos! Vamos lá buscar o macaco!» Os dois saíram correndo para o carro, pegaram o macaco e voltaram para onde estava Bernd. Limparam a neve sob a cerca, e cinco minutos depois tinham plantado o macaco do carro no lugar adequado. Golpe a golpe, foram erguendo a cerca. Romeis manteve-a alta apoiada no seu joelho, enquanto Reis rastejou por baixo e começou a arrastar Bernd consigo. Quando conseguiram passá-lo, levaram-no, Reis segurando pelos braços, Romeis pelas pernas. Um minuto depois, Havlena reuniu-se a eles, tentando manter no lugar o pé quase decepado. Agora, enquanto se arrastavam e cambaleavam pelo caminho até às árvores, os 50 metros pareciam intermináveis. Mas, de leste, nenhum movimento, nenhum som.

Somente quando chegaram às árvores, logo que cruzaram a linha de demarcação, foi que Schmitt veio

correndo para eles: «Está tudo bem, sargento! Acabaram de telefonar... e o general diz que podemos ir buscá-lo!»

Romeis sorriu: «Bem-vindo à Alemanha Ocidental, Bernd», disse. «E feliz Ano Novo.»

Levaram-no diretamente para o hospital de Mellrichstadt, onde o pé esmagado foi imediatamente amputado. Dois dias depois, Irene estava ao seu lado, e, embora tivesse de ficar algum tempo no hospital, pelo verão já Bernd estava instalado na casa dela, em Gelsenkirchen, aprendendo a usar o pé artificial. Hoje ele trabalha numa fábrica de produtos químicos e diz: «Para estar aqui, daria de bom grado o outro pé.»

Quanto aos guardas Romeis, Reis e Schmitt, longe de serem punidos, foram todos promovidos e levados a Bonn para uma condecoração especial do Ministro do Interior, Hans-Dietrich Genscher, por terem agido «como seres humanos numa emergência acima da lei».

Mas fronteiras fechadas raramente proporcionam finais felizes. Pouco mais de um ano depois da fuga de Bernd, outro jovem pisou uma mina de contato, e, embora conseguisse chegar ao outro lado, sangrou até à morte antes de receber socorros.



NUMA TARDE de domingo, meu marido, entusiasta do pára-quedismo, aterrou no jardim defronte da nossa casa, atraindo uma multidão de crianças espantadas e adultos curiosos. Nunca mais me esqueço das suas caras quando ele calmamente disse: «Isto é bem melhor que ficar perdido nesse tráfego!»

— R. J.